

TÁ DOIDONA: A JUVENTUDE COMO ESPAÇO DE PERMISSIVIDADES E EXPERIMENTAÇÕES

Juliana Ribeiro de **Vargas** – ULBRA

Maria Luisa M. de Freitas **Xavier** – UFRGS

Resumo

Ancorado nas teorizações dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero, em perspectiva pós-estruturalista, o presente estudo tem como objetivo visibilizar e problematizar a operacionalidade de determinados discursos que caracterizam a juventude como um espaço de determinadas permissividades e experimentações na constituição das subjetividades de jovens alunas de uma escola pública de Porto Alegre (RS). Por conseguinte, entendemos que tais discursos operam nos modos como as referidas jovens vêm produzindo suas feminilidades na contemporaneidade. Como *corpus* analítico elencamos algumas das músicas preferidas do grupo de alunas em questão, constantemente por elas escutadas através de seus aparelhos celulares e também, as narrativas das mesmas acerca de tais músicas e de temáticas pertinentes a sua condição juvenil. Frente às análises produzidas, acreditamos que a aproximação das jovens alunas com diferentes discursos, também provocada pela escola, poderia produzir subjetividades outras, propiciando-lhes distintos modos, diferentes possibilidades para a organização de suas vidas.

Palavras-chaves: Gênero - Estudos Culturais –Discurso – Subjetividades.

TÁ DOIDONA: A JUVENTUDE COMO ESPAÇO DE PERMISSIVIDADES E EXPERIMENTAÇÕES

*Tá doidona, tá chapada
Vai carregada pra casa
Se joga, cai no chão
Fica toda desarrumada*

*Acorda cheia de roxo
E a roupa tá rasgada*

Os versos que abrem este texto pertencem a uma das músicas mais escutadas por um grupo de jovens alunas, concluintes do Ensino Fundamental de uma escola da rede

pública de Porto Alegre (RS)¹. Ao longo de seus versos, a música apresenta determinadas ocorrências, as quais parecem ser desencadeadas pelo fato de uma jovem beber demasiadamente em uma festa, como é possível verificar nos versos apresentados.

Situações semelhantes às descritas pela música em questão eram, constantemente, visibilizadas em narrativas das referidas jovens sobre vivências de seu cotidiano e eram também descritas pelas mesmas como acontecimentos recorrentes a sua condição juvenil. É importante destacar que, além do consumo excessivo bebidas alcoólicas, a experimentação de relações de afeto flexíveis e breves, também era referida pelas estudantes como uma das características inerentes aos modos de viver a juventude na atualidade. Desta forma, em consonância com suas narrativas, é possível pensar que tais alunas compreendam a juventude como um espaço de vivências descompromissadas, corroborada por discursos que reiteram essa afirmativa, como os que podem ser visibilizados pela música que abre este texto.

Frente a tais assertivas procuramos, neste estudo, decorrente de uma investigação maior, visibilizar e problematizar a operacionalidade de determinados discursos que caracterizam a juventude como um espaço de determinadas permissividades e experimentações. Entendemos, a partir das perspectivas teóricas aqui assumidas, que os discursos operem sobre a constituição das subjetividades das jovens em questão, e por conseguinte, nos modos como as mesmas vêm produzindo suas feminilidades na contemporaneidade.

Como *corpus* analítico elencamos algumas das músicas preferidas do grupo de alunas em questão e que eram, constantemente por elas escutadas, através de seus aparelhos celulares, inclusive no espaço escolar, em meio às atividades de sala de aula. Também foram aqui analisadas as narrativas das jovens acerca das músicas preferidas e de temáticas pertinentes a sua condição juvenil. É preciso destacar a forte presença dos celulares entre os alunos e alunas nas salas de aula como uma das motivações que desencadearam este estudo. Mesmo nas escolas localizadas nas regiões de periferia urbana, tais aparelhos estão presentes.

É importante pontuar que compreendemos as músicas e as narrativas em questão como superfícies de visibilidade de determinados discursos que constituem, entre outras dimensões, o entendimento sobre “o que é ser jovem e mulher” nos tempos atuais. Para tanto, valemo-nos das perspectivas teóricas dos Estudos Culturais em Educação e dos

¹ A referida música figurava entre as preferências musicais das alunas pesquisadas entre os anos de 2013 e 2014.

Estudos de Gênero e ainda, das ferramentas teórico-metodológica da análise do discurso, a partir de Foucault, e dos grupos de discussão, dimensões que serão a seguir melhor apresentadas. Posteriormente, buscamos visibilizar a constituição discursiva da juventude como uma dimensão caracterizada por permissividades e experimentações, mas ainda regulada por determinados marcadores, a exemplo do gênero. Encerramos este estudo pensando que outras dimensões das culturas juvenis contemporâneas deveriam ser pesquisadas no intuito de melhor compreendê-las e assim fomentar, por exemplo, a organização de práticas pedagógicas que discutam de modo amplo, questões do cotidiano atual de nossas juventudes e das potencialidades e possibilidades de vida dos jovens e das jovens não somente fundamentadas nas diferenciações de gênero.

Mesmo que na perspectiva deste estudo as juventudes não sejam relacionadas de modo direto à idade cronológica dos sujeitos, é preciso referir que dentre os discursos legais tal marcador acaba por ser utilizado como um delimitador que categoriza aqueles e aquelas que seriam jovens. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) são considerados adolescentes aqueles e aquelas que têm entre 12 anos completos e 18 anos² e as declarações organizadas pelas Nações Unidas compreendem os sujeitos entre 14 e 25 anos como jovens. A delimitação da categoria juventude utilizada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, nos programas e ações promovidos pela Secretaria Municipal de Juventude (SMJ) aproxima-se da apontada pelas Nações Unidas, uma vez que para a SMJ, a população com idades entre 15 e 29 anos é descrita como jovem.

Rotas para uma investigação: as perspectivas teóricas

A partir da perspectiva teórica dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos não como entidades unificadas, mas constituídos discursivamente, segundo as condições de possibilidades de distintos contextos históricos e sociais (HALL, 2006). Ainda de acordo com Stuart Hall, (1997, p. 22) destacamos que a expressão centralidade da cultura representa a dimensão assumida pelas produções culturais na contemporaneidade uma vez que tais produções estão presentes na vida de todos os sujeitos sociais, pois “[a cultura] penetra em cada recanto da vida social contemporânea

² O ECA foi instituído pela Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

[...]”, como verifica-se ao analisarmos a presença constante das músicas escutadas pelas alunas deste estudo em seu cotidiano. Mesmo durante as aulas, em meio às atividades escolares, as alunas seguiam escutando suas músicas preferidas, entendidas neste estudo como produções culturais, em seus aparelhos celulares.

Ainda de acordo com a perspectiva dos Estudos Culturais, o conceito de juventude remete à ideia de categoria plural. Estudos como os de Carles Feixa (1999), Rosa Fischer (1996), Juarez Dayrell (2003), Sandra Andrade (2008), entre outros, valem-se desta compreensão de juventude e assim, distanciam-se das classificações etárias e descrições biológicas como modo único de contextualizar e descrever tal categoria. Para Dayrell e demais autores (2012), a juventude pode ser considerada uma categoria dinâmica, atravessada pelas mudanças e transformações que ocorrem ao longo da história nas diversas sociedades e marcada pela diversidade, a qual é expressa nas diferenças sociais e culturais que constituem as posturas dos sujeitos compreendidos como jovens (DAYRELL, 2003). No entanto, é possível pensar que, na atualidade, certas características tais como espontaneidade, vitalidade e versatilidade acabam por ser naturalmente associadas à condição juvenil, uma vez que são exaltadas por discursos circulantes em nossa sociedade, a exemplo do discurso midiático, o qual acaba por descrever a juventude como uma etapa da vida supervalorizada, percebida como um ideal a ser alcançado. (SOARES, 2005).

Vale ainda destacar que compreendemos os discursos como práticas que constituem os sujeitos e os objetos aos quais se referem e também, como organizadoras da realidade, a qual se difere nos distintos tempos e grupos sociais (FOUCAULT, 2012). Como pontua Paul Veyne (2011, p. 50), “os discursos são as lentes através das quais, a cada época, os homens perceberam todas as coisas, pensaram e agiram.” Desta forma, entendemos os discursos visibilizados pelas narrativas e pelas músicas escutadas pelas alunas em questão como inscritos em regimes de verdade e em relações de saber–poder.

Valemo-nos da perspectiva dos Estudos de Gênero para problematizar, dentre tantas questões, a compreensão das diferenciações entre os comportamentos de homens e mulheres como originárias unicamente de diferenças biológicas. Como reitera Louro (2003, p. 22) o conceito gênero “ênfatica, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” entre homens e mulheres e, por conseguinte, a atribuição de determinadas práticas e ações como “naturalmente” masculinas e/ou de femininas.

É interessante destacar que a proposição de Joan Scott (1995) sobre o conceito de gênero visa à conexão entre as seguintes ideias: a) gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; b) gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Logo, o conceito de gênero torna-se, profícuo à análise, por exemplo, dos modos de constituição da feminilidade de alunas jovens, que escutam e admiram versos como “*Caiu na bebedeira, e agora ficou falada!*”, que pertencem a música “*Tô doidona*”, apresentada na abertura deste texto.

Vale pontuar que a escola, através de discursos visibilizados pelas práticas pedagógicas, também produz “uma noção singular de gênero e sexualidade”, fomentando assim apenas uma forma característica para vivenciar a feminilidade e a masculinidade (LOURO, 2003, p. 43). Também a mídia, em seus distintos canais de comunicação, como o rádio, a televisão e a internet, corrobora para constituição de posturas percebidas como (in)adequadas, colaborando para a constituição de subjetividades, e por conseguinte, nos modos de viver as masculinidades e feminilidades em razão dos discursos veiculados em suas produções (FISCHER, 2007). Além do exemplo anteriormente citado, em outras músicas analisadas neste estudo, a figura da mulher interessava-se por diferentes parceiros era descrita a partir de adjetivos tais como “má”; “louca, louquinha”; “safadinha”; “soltinha” e “assanhada”.

A partir das perspectivas teóricas referidas, o poder, a produção da verdade e a subjetividade são elementos relacionados no processo de condução de condutas dos indivíduos e, desta forma, imbricados na constituição das subjetividades (FOUCAULT, 2009). Também Maria Manuela Garcia (2002, p.31) corrobora o referido autor ao pontuar que as subjetividades são objetos de poder, “produtos de maquinações, de saberes e de técnicas que incluem ativamente os seres humanos num campo de visibilidade, atribuindo-lhes certas características e padrões de desenvolvimento.” Segundo Larrosa (1994), a constituição das subjetividades está relacionada aos aspectos da experiência de si, nas quais o sujeito relaciona-se consigo mesmo, ou seja, os modos pelos quais ele se observa e reconhece a si próprio. Assim, compreendemos que diferentes discursos operam sobre a produção de subjetividades, e no caso específico desta investigação, na constituição de subjetividades de jovens mulheres nos tempos atuais.

Entendemos que a problematização das feminilidades de jovens contemporâneas se faz necessária, uma vez que as mesmas tensionam, em determinadas situações, a exemplo de algumas como as analisadas neste estudo, características

associadas a um ideário feminino ainda vigente. A importância do estudo da referida temática dá-se também pela colaboração na estruturação de pesquisas que visibilizem as culturas juvenis femininas diferenciando-as do entendimento de categoria homogênea, sem distinção entre os fenômenos que ocorrem com os jovens e as jovens, tal como pontuam autores como Wivian Weller (2005) e Feixa (1999).

Entre cartões de memória e grupos de discussão: os aportes metodológicos

Conforme exposto anteriormente, a prática de audição de músicas pelas alunas em diversos momentos da rotina escolar através dos aparelhos celulares e também, o conteúdo de muitas das músicas armazenadas nos mesmos, colocaram-se como motivações primeiras no encaminhamento da presente investigação. Compreendemos os aparelhos celulares como diários digitais contemporâneos, uma vez que prestam-se à comunicação, ao registro de pequenos filmes, imagens e músicas, os quais podem permanecer armazenados nos cartões de memória de cada aparelho. No entanto, é importante pontuar a provisoriedade e a flexibilidade que tal recurso comporta, uma vez que cada aluna poderia possuir mais de um cartão de memória e, também, apagar ou registrar ‘novas memórias’ no mesmo, como é possível visualizar na narrativa de Ingrid, uma das participantes do estudo:

[...] É que o meu cartão de memória não quer mais entrar no meu celular. Aí eu peguei o cartão de memória do meu irmão. Eu achei lá no meio das coisas dele e peguei para mim... Aí eu peguei este aqui e vou apagar as músicas que eu não gosto.³

Para desenvolver o presente estudo dispusemo-nos a conhecer os arquivos musicais armazenados pelas alunas em seus cartões de memória em três períodos distintos: julho de 2012, novembro de 2012 e abril de 2013.⁴ Nos dois primeiros períodos foram listados todos os arquivos musicais que cada uma das alunas armazenava e no último período, visto o grande número de arquivos contabilizados, foi solicitado que as mesmas elencassem, entre as músicas armazenadas nos cartões de memória naquele momento, suas dez músicas preferidas. Destes movimentos foi

³ Por razões éticas os nomes das alunas são fictícios.

⁴ É importante ressaltar que dados tais como agenda telefônica, chamadas realizadas/recebidas e as mensagens de texto dos aparelhos de celular são dados armazenados nos chips das operadoras ou na memória dos celulares e, desta forma, não obtivemos acesso a nenhum desses dados.

possível contabilizar setecentos e noventa arquivos musicais distintos na primeira análise de dados, oitocentos e dezoito na segunda análise e cento e vinte arquivos distintos na terceira análise.

A maioria das estudantes possuía mais de uma centena de músicas diferentes armazenada em cada um dos seus cartões de memória. Ter muitas músicas no celular parecia ser uma questão importante para alunas, mesmo que essas escutassem, como fora afirmado, as mesmas músicas sempre. É importante referir que quanto mais gigabytes possui um cartão de memória, mais arquivos podem ser armazenados e posteriormente acessados. Um cartão com capacidade de dois gigabytes (2GB) pode armazenar, por exemplo, cerca de quinhentas músicas configuradas no formato MP3, com cerca de três minutos e trinta segundos de duração cada.

Posterior ao levantamento dos arquivos musicais dos cartões de memória, estabelecemos estratégias de análise frente as músicas mais escutadas. Tais análises foram balizadoras para a organização dos grupos de discussão, neste estudo chamados de *Rodas de Conversa*, metodologia que nos permitiu compreender melhor como os discursos visibilizados pelos arquivos musicais operavam na constituição das subjetividades das alunas e, ainda, demonstrou-se profícua para obtenção de maiores informações acerca de suas preferências musicais.⁵

Compartilhamos com Carla Beatriz Meinerz (2011, p. 486) o entendimento de que a metodologia do grupo de discussão abre a possibilidade de escuta sensível, que não se fundamenta apenas em rigores teóricos para sua realização, uma vez que tal escuta é dependente da postura “política, afetiva e ética do pesquisador”. Para melhor organização da referida metodologia, as quatorze alunas participantes foram divididas em quatro grupos, respeitando suas afinidades.

Assim, de modo semelhante a outros autores (FISCHER, 1996; SCHWENGBER, 2006), articulamos pressupostos da análise do discurso, a partir de Foucault, para problematizar discursos que eram visibilizados e reiterados pelas materialidades analíticas desta pesquisa: as músicas escutadas pelas alunas e suas narrativas. Para tanto, as narrativas das alunas produzidas nas Rodas de Conversa foram gravadas e relidas inúmeras vezes, assim como as músicas dos cartões de memória foram também inúmeras vezes escutadas na busca de possíveis associações. Dessa forma, entendemos que tais metodologias potencializam análises sobre a constituição

⁵ Tais encontros foram nomeados de Rodas de Conversa em razão do modo como as participantes organizavam-se no momento de encontro: em torno de uma mesa circular.

das subjetividades das alunas na contemporaneidade e, por conseguinte, na constituição da feminilidade juvenil contemporânea.

Buscamos destacar, nas seções seguintes, o modo como discursos visibilizados pelas superfícies analisadas têm constituído a juventude como período de permissividade ao consumo de bebidas alcoólicas e ao uso de outras substâncias ilícitas, e também de experimentações, a exemplo dos afetos flexíveis e breves vivenciados pelas alunas em questão.

Caiu na bebedeira e agora ficou falada: As (im)possibilidades para @s jovens

É possível perceber, frente aos aportes teóricos deste estudo, que algumas características acabam por ser relacionadas diretamente a juventude por determinados discursos, a exemplo do discurso psicológico que associa ideias tais como transição e crise à referida dimensão, ou ainda, do discurso biológico que produz enunciados tais como a “juventude é como um vulcão”, apoiado nas alterações hormonais que os sujeitos em uma determinada fase de seu desenvolvimento sofrem. As características descritas por Maria Rita Kehl (2004, p.90) fazem pensar sobre distintos discursos que atravessam, na contemporaneidade, a constituição de uma ideia de juventude: “A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil de consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir.”

Pode-se também depreender que o discurso publicitário fomenta a identificação dos jovens como sujeitos que devem aproveitar ao máximo esta etapa da vida, independentemente da classe social, disfrutando assim de todos os prazeres que lhe são proporcionados. A partir de tal discursividade, os jovens identificar-se-iam com ideal publicitário do jovem “hedonista, belo, livre e sensual”, o que também aproxima a compreensão da juventude como um tempo de múltiplas experimentações, inclusive as afetivas. (Kehl, 2004, p. 93).

As narrativas das alunas acerca do consumo de bebida alcoólicas e de outras substâncias parecem reverberar, em certa medida, características ancoradas nos referidos discursos, como pode-se verificar:

Rafaelly: [...] Meu irmão foi pra praia sora e ficamos só eu e meu tio, meu tio de vinte anos. [...] a gente fazia festa, saía para tudo que era lugar. Eu me embeguei muitas vezes!

Cíntia: [No aniversário] liberaram cerveja para a nossa mesa. Só eu estava com a minha mãe, as outras meninas estavam sozinhas. Logo vieram umas cinco, seis latas!

Paula: Eu dividi umas três latinhas com a Paula e depois eu não lembro... Mas acho que eu tomei muito!

Cíntia: Eu tomei pouco, mas se tivesse energético eu tomaria bastante.

Amanda: [...]Eu ia à casa da Célia, porque lá sempre está o Dedé, que também gosta de tomar uns “gorós”. Mas, no meio do caminho, eu encontrei a Fran, [e ela me disse]: “Eu acabei de tomar uma *Kislla* azul”. Daí ela me convidou para beber mais[...] quando vê, eu acabei tomando uns quatro copos seguidos. Daí eu não me lembro de mais nada!

Pesquisadora: O que é isso? Que bebida é essa?

Amanda: É vodka! E dá para tomar pura. A verde tem gosto de Sprite, só que sem gás.⁶

Como se pode notar, o consumo de bebidas entre as alunas era frequente e incluía também a ingestão de bebidas destiladas “misturadas” a energéticos, fato que retardar os efeitos do álcool e assim, permite uma maior ingestão de bebida.⁷ Até mesmo os pais das alunas não cerceavam este consumo, parecendo não importar-se, em certa medida, com as consequências futuras do mesmo.

Apesar das jovens beberem com relativa frequência, elas demarcavam diferenciações em suas narrativas, destacando que “era feio” uma jovem que beber exageradamente, como pode-se verificar:

Pesquisadora: Por que é feio beber para guria?

Karina: Porque guria tem que... eu não sei! Não é legal ver guri também bebendo em festa, mas dá para relevar... Agora guria não! Fica bagaceiro! Eu acho feio!

Ingrid: É, fica se atirando para os outros. Daí igual a minha mãe fala: todo mundo vai ficar falando. E também os homens te abusam e daí fica falada.

Paula: É porque mulher tem que se dar mais ao respeito, entendeu: Tem que se respeitar mais!

Pesquisadora: “Mulher tem que se dar ao respeito!” Cíntia concorda com isso?

Cíntia: Concordo!

Pesquisadora: Por quê?

Cíntia: Porque sim!

A reprovação das jovens ao fato de uma mulher beber em demasia visibiliza discursos que operam sobre a diferenciação de gênero, a exemplo do discurso machista a partir do qual determinadas posturas são negadas às mulheres e potencialmente associadas ao universo masculino. Pode-se pensar que o discurso machista apoie-se em uma ordem heteronormativa, a partir da qual determinadas posturas podem ser entendidas, unicamente, como masculinas e/ou femininas. De acordo com Seffner (2013, p.150) a heteronormatividade, com a força de norma, “articula as noções de

⁶ Destacamos o fácil acesso que jovens têm a bebida nos tempos atuais. Como destaca Cíntia: “são pouquíssimo lugares que não vendem bebida para menor. Sempre, aqui na vila, eu compro.”

⁷ Vale lembrar que o “kit”, referido em muitas das músicas de *funk* também pode referir-se a combinação de energéticos e bebidas alcoólicas.

gênero e sexualidade, estabelecendo como natural certa coerência entre sexo (nasceu macho, nasceu fêmea), gênero (tornou-se homem, tornou-se mulher) e orientação sexual (se é um homem, irá manifestar interesse afetivo e sexual por mulheres, e vice-versa.”

Também fica evidente que as problemáticas à saúde não são destacadas pelas jovens como parâmetros para o consumo de bebida alcoólica. E como afirma a letra da música que intitula este texto, um homem que está com aquela que bebeu em demasia pode sentir-se autorizado a “[...] *levar ela pra casa, e a chapa [pode] esquentar!*”

O consumo de determinadas substâncias ilícitas, tal como a maconha, acaba por também ser uma dimensão relacionada a ideia da juventude como um espaço de experimentação. A maioria das alunas da pesquisa informaram já ter, ao menos, experimentado maconha e algumas delas faziam uso contínuo desta substância sem maiores preocupações sobre as consequências de tais atitudes, conforme pode ser percebido em suas falas:

Amanda: Para se divertir, é bom dar uns *becks* por aí...

Pesquisadora: De onde vocês tiram (maconha)?

Amanda: Na frente da minha casa tem a casa de um cara que vende...

Suzana: Eu fui só uma vez, mas eu não gosto disto.

Rafaelly: Eu vou! Sem nenhum problema! Saio com os guris que ficam ali na frente e vou!

O referido consumo parece fomentar discursos que descrevem a juventude como um momento de fruição e prazer individuais, apesar de ser realizado, de modo geral, nos momentos de socialização dos jovens. Uma vez que algumas dessas atitudes não são contestadas pelos pais das jovens (a exemplo da bebida) ou ainda, fortemente proibidas pelos poderes de controle do Estado (a exemplo do consumo de maconha), pode-se depreender, que as jovens desta pesquisa, ao beberem a *Kislla azul*, ou ao pegarem um *beck*, estejam saciando uma satisfação pessoal e não buscando formas de rebeldia ou de contestação de alguma ordem.

No entanto, é possível pensar que tais atitudes sejam realizadas em razão da força dos coletivos nos quais as alunas estão inseridas, na busca de popularidade entre os seus pares. Mesmo esta dimensão sendo considerada, pode-se inferir que a satisfação imediata de algumas das vontades das jovens, a qual não encontra ponto de dissipação nas possíveis consequências para suas vidas no futuro, fomente atitudes como as exemplificadas anteriormente. O atendimento prioritário às próprias vontades parecem ser palavras de ordem nos tempos contemporâneos, uma vez que “a ideia de se

sacrificar a satisfação pessoal em nome de algo mais elevado é incontestável” como pontua Paula Sibília (2012, p. 58)

O que é isso novinha? Os afetos breves e flexíveis

Algumas das narrativas das jovens pesquisadas descreviam alguns de seus relacionamentos afetivos como momentos transitórios e fluídos, o quais poderiam ser vivenciados no pátio da escola, em meio a uma aula de Educação Física:

Paula: Estávamos no pátio, fazendo “a mão” de todo mundo... Ai perguntei para o D. se ele queria ficar com a Cíntia, que estava sentada na frente da Julia e ele disse: “Tá, pode ser!”. Aí a gente falou com a Cíntia e eles acabaram ficando, ali, atrás da caixa da água [no pátio da escola].

Estabelecer relações de afeto breves e flexíveis parece ser uma característica da juventude, ancorada em discursos que pontuam a ideia de que os jovens tenham que aproveitar, ao máximo, todos os momentos de sua vida, “ficando” com alguém, por exemplo, mesmo no espaço escolar. Vandelucia Sousa, Maria Lúcia da Silva Nunes e Charliton José dos Santos Machado (2012), pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) reiteram esta dimensão afirmando não há um território ou espaço específico para tais formas de relacionamento. Desta forma, os jovens acabam por trazer suas vivências também para o ambiente escolar, mesmo que a instituição tenha reservas e até mesmo condene tais vivências.

Como destaca Maria Isabel de Almeida (2006), o “ficar” reconfigura o tempo das relações de afeto, as quais não mais submetem-se ao uma esperada sequência sentimental. Pode-se pensar que, em tempos contemporâneos, a aproximação e contato físico, os quais na metade do século XX ainda eram intermediados por pais e/ou irmãos, encurtaram-se. Podem ser, na atualidade, quase que imediatos e, como destaca Ricardo Mazzeo (2013, p. 103): “a prescrição do usufruir tem pulverizado as relações amorosas da forma como tradicionalmente conhecíamos.” Almeida (2006, p. 151) também destaca a dimensão da experimentação nestas relações: “O ‘ficar’ compõe-se e decompõe-se com a rapidez e leveza de módulos infláveis. Como o dedilhar do controle remoto, ele nos envia a múltiplas oportunidades e experimentações sempre levitantes.”

Para as alunas as festas eram melhor aproveitadas quando as mesmas trocavam beijos com um ou mais meninos. Não parecia importar à elas onde a festa estava

ocorrendo, se conheciam anteriormente os seus parceiros do momento. O mais importante era aproveitar a festa ao máximo, “ficando” com alguém, como pode-se ver nas narrativas:

Kety: A festa da minha prima, foi muito tri! Peguei até o irmão dela (risos)

Rafaelly: Eu peguei um guri lá na Prime!

Suzana: Eu peguei dois! Um deles era da Vila Pampa e depois, eu fiquei com um de lá que era de “longinho” assim, para não dar problema assim.

Rafaelly: Eu já peguei cinco em uma noite só, nessa mesma festa!

Karina: Uma vez, lá no Império, eu fiquei com quinze gurus. No outro dia eu estava com a boca dolorida de tanto beijar. Mas eu estava bêbada!

Outros espaços de socialização das alunas em questão, tal como as praças das proximidades de suas casas também eram cenário para tais formas de relacionamento.

Sckarlet: Foi ali na praça... Na pista de skate, que eu fiquei com ele.

Dora: Quem ele é?

Sckarlet: Esqueci o nome!

É interessante notar que as alunas que condenam comportamentos de mulheres que têm relações sexuais com mais parceiros ou que vestem-se de modo mais sensual são as mesmas que ficam com vários garotos em uma festa (ou até mesmo na escola). É possível inferir que a diversidade de discursos que constituem essas jovens, a exemplo de alguns que foram destacados neste estudo, possa ser entendida como uma das condições de possibilidade para o fomento de modos plurais sobre os quais a juventude feminina constitui-se, na contemporaneidade.

No entanto, apesar da pluralidade de discursos constituírem as jovens pesquisadas, os discursos mais conservadores sobre acerca das possibilidades de vida das mulheres acabam por ser reverberados em algumas de suas narrativas, a exemplo da possibilidade de consumo de bebidas alcóolicas e de vivências em torno da sexualidade. Foucault (2010) alerta para a constituição da moral cristã, a qual organiza suas fundamentações sobre o corpo e sobre a sexualidade dos indivíduos, principalmente nos modos como esses deveriam conduzir a essas dimensões. Logo, é possível pensar que tais alunas estejam estabelecendo maneiras para comportar-se /conduzir-se alinhadas ao que espera-se de um sujeito moral. Sobre o tema ilustra Fischer (1996, p. 22)

A “relação consigo” é a relação pela qual o sujeito constitui a si como “sujeito moral”, ou seja, pela qual ele aprende a reconhecer e a estabelecer para si como bons e verdadeiros certos modos de agir; isso, por sua vez,

exige que ele faça aprendizagens, exercite-se, aperfeiçoe-se, segundo valores, regras de conduta e interdições de seu tempo, de sua cultura e de sua condição social e de gênero.

O que eu ouço me produz e me conduz? A guisa de conclusão

Além de um espaço de permissividades e experimentações, determinados autores descrevem a juventude como um tempo de “moratória”, na qual os indivíduos, por ainda não terem alcançado a vida adulta e as responsabilidades que advém com a mesma, poderiam vivenciá-la como “[...] um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil.” (DAYRELL, 2003, p. 41). Segundo o referido autor, as possibilidades econômicas de determinados grupos sociais poderiam garantir aos seus jovens o adiamento de situações como a inserção no mercado de trabalho ou ainda, a constituição de uma família, as quais são entendidas como balizadoras para a entrada no mundo adulto. Assim, os jovens das classes médias e altas teriam, supostamente, um tempo maior em relação às classes populares para “aproveitarem” a juventude sem as preocupações com o “mundo adulto”, a exemplo das preocupações financeiras para o subsídio da própria existência. No entanto, é possível pensar que mesmo inseridos no mercado de trabalho antecipadamente, muito dos jovens das periferias urbanas vivenciam, em certa medida, as dinâmicas de uma moratória, uma vez que circulam por espaço de fruição da vida e investem o próprio tempo nas dinâmicas de sociabilidade e ainda, nas possibilidades de diferentes trocas afetivas, consideradas a partir do entendimento desta moratória, ações relacionadas que a sua condição juvenil (DAYRELL, 2003).

Andrade e Meyer (2014), pontuam ainda que as diferenças de gênero podem ser vistas como marcadores para a inserção dos jovens e das jovens no mundo adulto e término de uma chamada “moratória” juvenil, como fica evidente nas palavras das autoras:

Os/as jovens, mesmo nas faixas de renda mais baixas, também vivem a chamada moratória social, uma vez que reforçam em suas falas o pensamento usual de que sair da juventude acarreta ter responsabilidades de outra ordem, ter um novo lar, marido e filhos, apontando, ao mesmo tempo, experiências bastante específicas de cada gênero, relacionadas ao mundo afetivo, ao trabalho, à inserção social etc. (ANDRADE e MEYER, 2014, p. 92)

Para as mulheres, a maternidade poderia representar a inserção no chamado “mundo adulto” e de suas as consequentes responsabilidades, fato que não parece consumir-se de igual modo quando os jovens tornam-se pais. No entanto, conforme as autoras, tal dimensão podem ser problematizadas frente às diferentes realidades dos grupos sociais. Logo, será possível encontrar, jovens mães nas periferias urbanas que valem-se de aspectos da “moratória juvenil” e, acabam realizar práticas de entretenimento (como sair à noite) porque sentem-se jovens e “querem aproveitar a vida”, (ao menos, enquanto o bebê dorme). Porém, é preciso enfatizar que a maternidade, principalmente nas classes populares, é desencadeadora de determinadas ações nas vidas das jovens, como o abandono dos estudos para a dedicação ao lar e ao trabalho. E, ainda “[...] parece ‘normal’ que abandonem os estudos para cuidar dos filhos e que assumam uma tripla jornada ao retornar à EJA: trabalho, escola e filhos.” (ANDRADE e MEYER, 2014 p. 98).

Ao término deste estudo, compreendemos que as jovens investigadas valiam-se da moratória juvenil, vivenciando a juventude como espaço pleno de permissividades e experimentações. Os discursos visibilizados pelas mídias musicais preferidas das alunas e ainda, pelas suas próprias narrativas, reiteram a dimensão de uma moratória juvenil.

Ficou evidente com a pesquisa que as jovens alunas adotavam muitas vezes posturas conservadoras, ancoradas em discursos que diferenciam posturas de homens e mulheres, admitindo comportamentos mais livres e autônomos somente para os homens. No entanto, em algumas situações, as jovens contradiziam este conservadorismo, aproximando-se de discursos menos coercitivos acerca do comportamento feminino. Esta ambivalência de posturas também é descrita por Del Priore acerca das posturas das mulheres no mundo adulto:

As mulheres do século XXI são feitas de rupturas e permanências. [...] Têm filhos, mas se sentem culpadas por deixá-los em casa. Em casa, querem sair para trabalhar. Se cheinhas, querem emagrecer. Se magras, desejam seios, nádegas e o que mais tiverem direito... em silicone. Desejam o real e o sonho, de mãos dadas. São várias mulheres em uma. (DEL PRIORE, 2013, p. 7)

As palavras da autora são profícuas para pensar a constituição das subjetividades das jovens desta pesquisa. Frente aos diversos discursos circulantes em nosso tempo, podemos pensar que tais jovens constituam feminilidades ambivalentes, ou ainda modos plurais de ser jovem mulher. Pode-se pensar que tais jovens estejam constituindo feminilidades contemporâneas, que por vezes, “explodem as cercas erguidas a partir de

velhas convicções e certezas que já não funcionam” e que, por isso acabam por chocar a geração adulta, constituída sobre as certezas modernas (SIBILIA, 2012, p. 10).

Saibamos nós professores e pesquisadores, apoiados nas teorizações produzidas e na nossa sensibilidade, produzir nas instituições escolares práticas educativas que se aproximem das feminilidades contemporâneas, compreendendo-as em sua singularidade e potencialidade. Acreditamos ser necessário ouvir mais nossas alunas, em espaços de pesquisa ou não, a fim de que possamos (re)constituir as nossas práticas pedagógicas. E propiciar condições para que elas também possam nos ouvir mais, no intuito de, no mínimo, conhecerem experiências diferentes daquelas que já vivenciaram. É possível pensar que a aproximação das jovens alunas com diferentes discursos, também provocada pela escola, poderia produzir subjetividades outras em tais alunas, propiciando-lhes distintos modos, diferentes possibilidades para a condução de suas condutas e de suas vidas. Afinal, aquilo que ouço, me produz e pode me conduzir por diferentes caminhos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes (2006). “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes & EUGENIO, Fernanda (2006). **Culturas Jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. P. 139-157

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e processos de escolarização**: uma abordagem cultural. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 256f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

_____. e MEYER, Dagmar. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. **Educar em Revista**. Curitiba. Edição Especial n. 1. p. 85-99. 2014.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro. (RJ) n. 24, p. 40-52. set/out/nov/dez. 2003

_____, CARVALHO, Levindo; GEBER, Saulo. Os jovens educadores em um contexto de educação integral. In: MOLL, Jaqueline. **Caminhos da educação integral no Brasil** - direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012. P.157-171.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e Conversas de Mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, banda y tribos: antropología de la juventude**. Barcelona: Ariel, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade**. 1996. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 297f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

_____. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro (RJ), v. 12, n. 35, p. 290 -299. maio/ago. 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II- O uso dos prazeres**. 13 ed. São Paulo: Graal, 2009.

_____. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política** 2.ed. Trad. Elisa Monteiro e Inês Barbosa. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2010.

_____. **A Arqueologia do saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

GARCIA, Maria Manuela Alves. **Pedagogias críticas e subjetivação: uma perspectiva foucaultiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. V. 22, n. 2, p. 15 - 46, jul./dez. 1997

_____. Stuart. **Identidades Culturais na Pós – Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KEHL, Mari Rita (2004). A Juventude como sintoma da cultura. In: Novaes, Regina e Paulo Vannuchi (Org) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2004, p. 89 -114.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana

Vilodre (orgs.): **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003. P. 41-52.

MAZZEO, Ricardo. Do “capitalista” de Lacan ao “consumista” de Bauman. In: BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. P.102-109.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação e Realidade**, v. 36, p. 485-504, 2011.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de Si?** A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 195f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez, p. 71-99. 1995.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Namoro MTV**: juventude e pedagogia amorosas/sexuais no Fica Comigo. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 174 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SOUSA, Vandelucia, NUNES, Maria Lucia, MACHADO, Charliton José dos Santos “FICAR É ...”: um código de relacionamento entre adolescentes. **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia-MG - v. 25, n. 2 – p.136-157. Jul./Dez. 2012

WELLER, Wivian A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1): 216, p. 107 -126, jan-abr/2005.

